

O anticomunismo de Gustavo Barroso como instrumento para um discurso intolerante

Carlos Gustavo Nóbrega Jesus*

É evidente para historiografia a peculiaridade do pensamento de Gustavo Barroso no que se refere ao contexto político-cultural de sua época. Intelectual de renome do final da década de 1920 ligou-se a um grupo conservador de direita, a Ação Integralista Brasileira (AIB), a partir de 1933, dialogando com as posturas deste grupo. No entanto, muitas vezes, se distanciou das propostas de seus principais líderes como Plínio Salgado, Olbiano de Melo e Miguel Reale.

Segundo a bibliografia especializada houve um esforço por parte de Gustavo Barroso em lançar mão de instrumentos para não perder sua ligação com o movimento no qual se destacou. Dentro de tais especificidades pode se destacar sua leitura crítica acerca do comunismo. Da mesma forma do que os outros teóricos da AIB, Gustavo Barroso compartilhava da idéia de que o comunismo seria fruto do internacionalismo e uma ação capaz de desarticular a sociedade, a pátria e a família. Por isso, o seu discurso anticomunista notabilizou-se por possibilitar a aproximação do centro diretivo do Integralismo.

Pretende-se, nas linhas abaixo, apresentar elementos para subsidiar a hipótese de que, por meio de uma leitura crítica do comunismo, ele pretendia atenuar os elementos raciais de seu discurso. O que o permitiria divulgar suas iniciativas antijudaicas diluídas em uma aparente crítica política, sem, assim, entrar em choques com outros líderes integralistas. Situação importante para o membro de um movimento que propunha a integração racial e que por isso, muitas vezes, pelo menos aparentemente, tentava se distanciar do discurso racista.

A tensão acerca do antissemitismo e a solução anticomunista

A defesa do antissemitismo por parte de Gustavo Barroso e sua aparente roupagem política nos leva a uma discussão historiográfica. O fato de historiadores

* Doutor UNESP-Assis.

creditarem a Gustavo Barroso a definição de “representante antissemita do movimento integralista”, como se, no seio do movimento, a intolerância ao judeu fosse exclusividade deste intelectual.¹

Deve-se deixar claro que a estratégia de diluir o antissemitismo em uma crítica política e o fato de ter seu pensamento discriminatório alinhado com a ideologia de Hitler, não fez Barroso um agente isolado dentro do Integralismo². A questão do antissemitismo no integralismo e o posicionamento de Barroso perante esta iniciativa no movimento é uma questão complexa. Segundo Héglio Trindade (1979, p.252-3):

O antissemitismo não é um tema ideológico que estabeleça consenso entre os ideólogos integralistas. Gustavo Barroso é praticamente o único teórico de uma corrente anti-semita radical, ao paço que os outros doutrinadores, sem contestar aspectos nocivos da ação judaica, especialmente ao nível das finanças internacionais, parecem mais reticentes em aceitar a tese de que se pode reduzir o conjunto dos adversários do movimento ao judaísmo [...] Embora possa estabelecer uma gradação nas formas anti-semitas do Integralismo, o tema, na realidade, incorporou-se à ideologia integralista em razão da grande receptividade das idéias anti-semitas entre os militantes de base. Em consequência, quando teóricos e dirigentes criticam a tendência de Barroso, suas atitudes não significam uma posição neutra diante do problema judaico, mas uma rejeição ao radicalismo anti-semita.

Há que se notar que a disseminação da iniciativa antijudaica não ficou restrita a Barroso, pois “a idéia de conspiração judaica estava presente, embora com menos intensidade e centralidade, entre outros ideólogos integralistas, como Plínio Salgado e Miguel Reale, além de largamente difundida nos jornais integralistas” (Cytrynowicz, 1992, p.19). No entanto, tal evidência não é compartilhada por toda a historiografia, Chiavenato (1985, p.260) acredita que:

[...] a falta de uma ênfase maior às idéias antijudaicas devia-se menos à postura ideológica do integralismo e muito mais à falta de ressonância popular a um programa racial. Mesmo quando identifica o capitalismo internacional com os judeus, Reale tomava o cuidado de ressaltar que não era racista.

¹ Esta hipótese é defendida por Maria Luiza Tucci Carneiro (1995, p.273) que salienta que além do antissemitismo de Gustavo Barroso ser fruto de um mimetismo ideológico ele também é:[...] evidentemente político, visto que o judeu era apresentado como agindo sempre politicamente e permanentemente por meio de um plano pré-elaborado. O judeu não é odiado por Gustavo Barroso simplesmente por sua raça ou religião, mas pela sua força política e pelo seu ‘poder de dominar’, seja secretamente através da maçonaria, ou abertamente através da imprensa e da política.

² Alcir Lenharo (1986, p.114) aponta que uma das principais características dos anti-semitas era “esconder o racismo sob estereótipos aparentemente não biológicos”.

Para Chasin (1978, p.572-3), “Plínio Salgado era adepto de um antissemitismo”, mas esta iniciativa não estava baseada em termos raciais, pois seu antijudaísmo:

[...] não se trata nunca de um antissemitismo que tenha por fundamentos bases raciais. Enquadra-se, isto sim, no estereótipo da sovada fórmula do judeu usurário, manipulador internacional dos dinheiros. E nem mesmo vem à tona o antissemitismo de fundo religioso, tão comum em determinadas formas práticas.

Tal situação fica ainda mais complicada ao salientar que havia uma disputa por poder entre Barroso e Plínio Salgado nas fileiras integralistas. Em 1934, após o Primeiro Congresso Integralista, Gustavo Barroso foi nomeado comandante das milícias da AIB, o que significava ser responsável por treinar militarmente, pedagogicamente e moralmente os integrantes do movimento. (cf. TRINDADE, 1979, pp. 179-180). Com isso, segundo Marcos Chor Maior (1992, pp.81-82) ele deixou de ser “somente o ideólogo e propagandista para ser também, uma liderança política em íntima vinculação com as bases integralistas”. O que teve duas implicações, que se complementam: “a crescente competição com Plínio Salgado pela liderança do movimento e a radicalização de sua visão anti-semita” (Idem, p.82).

É evidente que a disputa por poder é que alimentou a contenda, mas o antissemitismo defendido por Barroso foi a iniciativa escolhida por Plínio Salgado para polarizar tal situação.

Ainda em 1934, em um artigo escrito na revista *Fon-Fon* da qual Barroso já tinha sido diretor, Plínio Salgado defendeu o boicote de seis meses que o jornal integralista *Offensiva* fez ao seu companheiro (cf. COUTINHO, 2001, p.574). O motivo do boicote teria sido a virulência dos ataques anti-semitas apresentados por Barroso em sua seção do jornal denominada *O Judeu Internacional*. (cf. MAIO, 1992, pp.94-95)

Fica claro que Plínio Salgado queria destacar que o ponto que o distanciaria de Gustavo Barroso era o antissemitismo, pois:

Plínio Salgado e Miguel Reale reduziam a ação maléfica do judeu a uma questão menor, restrita ao plano econômico [...] Além disso, o antissemitismo de Plínio era relativizado na esperança de que a questão judaica deixasse de ser um problema através da assimilação (Idem, p.85)³.

³ Esta assimilação ocorreria segundo Trindade (1979, p.242) através do casamento dos judeus com os não judeus.

A partir destas afirmações pode parecer que para Plínio Salgado a base teórica e ideológica integralista deveria deixar o antissemitismo em segundo plano. Mas, na verdade, tal situação ocorreria justamente para tentar isolar Gustavo Barroso e não revelar uma forte ambigüidade de caráter racial no movimento que fundou. Da mesma forma que Barroso, o chefe do Sigma e Miguel Reale encobriram seu antissemitismo na suposta luta contra o domínio do capitalismo estrangeiro, em nome da defesa da nacionalidade.

Por isso, diferentemente deste não atacavam “os judeus do Brasil que queriam integrar”, isto é os judeus naturalizados e aqueles que, segundo eles, não estariam comprometidos com internacionalismo.⁴ Plínio Salgado e Miguel Reale defendiam a tese de que se esse judeu não estivesse comprometido com o capitalismo internacional deveria ser aceito na formação da sociedade brasileira. Segundo Cytrynowicz (1992, p.236) eles não expressaram o antissemitismo abertamente, pois tal iniciativa deixaria clara uma ambigüidade dentro de um movimento que propunha a integração racial.⁵

Esta posição sintomática da idéia de reverberar contra o “capitalismo judeu” não era considerada antissemitismo, talvez porque essa idéia parecesse mera ressonância do antissemitismo europeu e não estivesse colocada como uma questão de política nacional, como em Barroso, que configurava claramente um ataque aos judeus no Brasil. O ataque contra “o capitalismo judeu” podia justificar-se com a bandeira anticapitalista apenas calcada na existência de capitalistas individuais judeus, mas que se distanciava da acusação de antissemitismo (Idem, p.196).

Já o pensamento de Barroso ia, muitas vezes, além deste ideário, pois em alguns discursos afirmava que a inserção de todo e qualquer judeu na sociedade brasileira romperia o ajuste da teoria de integração de raças.

A integração absoluta sociedade-Estado e a defesa de um amálgama “racial”, defendida pelo integralismo, na visão de Plínio Salgado, não podia conceber uma exclusão tal radical como de Barroso. Exclusão que abria uma cisão no interior justamente de um dos mais poderosos esquemas explicativos e legitimadores do Brasil enquanto nação [...] A teoria da integração sem

⁴ Vale dizer que para Plínio Salgado 60% dos judeus estavam comprometidos com o “agiotismo internacional.” (ver: Salgado, Revista Panorama, n.1, abr./ maio, p.4-5. Apud. Cytrynowicz, 1992, p.191).

⁵ Para justificar sua proposta de integração racial Plínio Salgado e Miguel Reale acreditavam na integração total das raças, apoiando-se no mito das três raças, negro, índio e branco. Sobre o mito das três raças e o uso destes três elementos sociais como “recurso ideológico na construção da identidade social, como foi o caso brasileiro”, ver Da Matta (1984, p. 62-63).

qualquer perspectiva de transformação da sociedade, a singularidade do encontro das “três raças “como essenciais”, a idéia de um convívio harmonioso e da inexistência de conflitos e contradições, serviam de sustentáculo do ideário integralista. (Cytrynowicz, 1992, p.189).

Além disso, para Barroso o judeu estaria diretamente e especificamente ligado ao comunismo. Plínio Salgado e Miguel Reale marcavam seu posicionamento crítico ao comunismo muito mais por acreditarem na sua capacidade desagregadora, anticristã e revolucionária.

Dessa forma, pode-se afirmar que o antissemitismo foi uma iniciativa aceita entre os principais militantes do movimento, no entanto, como afirmou Trindade, deve-se evidenciar uma certa “gradação” no que diz respeito a esse posicionamento no seio do integralismo. Com isso, conclui-se que havia uma tensão dentro do Integralismo acerca do anti-semitismo. O que nos possibilita afirmar que Gustavo Barroso representou a ala anti-semita radical do movimento, pois rompeu com o “antissemitismo tolerável publicamente”(Idem, p.254),.

Esta situação o levou a utilizar de estratégias para não se distanciar dos principais líderes da AIB e para dar uma aparência minimamente coesa ao movimento do qual participava.

Ao relacionar seu antissemitismo com a questão política, Gustavo Barroso tentou justificá-lo, utilizando, entre outras estratégias de discurso, a suposta ligação do judaísmo com o comunismo. Tal aproximação pode ser explicada pelo fato de diferentemente do antissemitismo, o anticomunismo ser uma unanimidade nas fileiras integralistas. Segundo Hégio Trindade (1979, p.158) mesmo o anticomunismo não sendo o ponto central do discurso integralista, ficando atrás do antiliberalismo, foi o principal fator motivador da adesão dos militantes ao movimento. Sendo assim, a crítica ao comunismo ou o anticomunismo apareceria para Barroso como um importante subsídio á questão política que aliada ao antissemitismo poderia camuflar não só ambigüidades teóricas dentro do Integralismo, mas também minorar tensões ideológicas e pessoais entre seus líderes.

O Anticomunismo como instrumento do discurso antissemita

Como fazia Plínio Salgado e outros teóricos integralistas, Gustavo Barroso associava comunismo á desagregação social e a uma suposta continuidade do liberalismo capitalista internacional.⁶ Tal postura ficou evidente em seu livro *Integralismo de Norte a Sul*, de 1934, no qual afirmava que o comunismo seria a continuidade do liberalismo-democrático, derivado da filosofia racionalista do século XVII (cf. BARROSO, 1934b, p. 11 e 41).

A relação do comunismo ás posturas contrárias ao espiritualismo, mais necessariamente ao cristianismo, por suas características materialistas, seria outro ponto que aproximaria o posicionamento anticomunista de Barroso dos principais líderes integralistas:

[...] o Cristo se acha em face do Anti-Cristo. Temos de escolher. Temos de optar. Roma ou Moscou. O Vaticano ou o Kremlin. Toda indefinição equivale a compactuar com o inimigo (BARROSO, 1938, p.35).

A base do discurso de Gustavo Barroso enquanto integralista era um maniqueísmo de tons apelativos em que confrontava o bem de um lado, simbolizado pelo integralismo e o mal de outro, simbolizado pelo capitalismo e liberalismo internacional, o comunismo e o judaísmo. (cf. CARNEIRO, 2001, p. 285). Devido a essa polarização, constantemente o comunismo era associado a algum símbolo do mal. A preferência, na maioria das vezes, era relacioná-lo á imagem do demônio:

O comunismo é [...] alguma coisa além duma doutrina. (...) é a paixão revolucionária, cuja raiz vamos encontrar no fundo das idades, na rebeldia luciferiana. (BARROSO, 1938, p.11)

É interessante notar, também, que Gustavo Barroso, como outros líderes integralistas colocava ao mesmo lado, comunismo e capitalismo internacional, duas iniciativas antinômicas, mas que para eles teriam o mesmo fim, solapar a nação, a família e a igreja. Nesse caso, como afirma Héliog Trindade o socialismo e depois o comunismo não seria “a antítese do capitalismo, mas o resultado natural de sua

⁶ Plínio Salgado (1935, p. 63) em *O que é o Integralismo* afirma: “ Já há nesse tempo, tendo cumprido a primeira jornada de sua tétrica missão, isto é, tendo desagregado sentimental e economicamente a Pátria, o liberalismo entrou a cumprir sua missão dissolvente, abrindo os portos do Brasil ás ideologias extremistas.”

evolução, porque ambos se apoiavam na mesma concepção materialista da sociedade” (TRINDADE, 2001, p. 2811). Esta visão ambígua é explicada por Trindade pelo fato da formulação anticomunista integralista ter sido desenvolvida sem uma idéia clara do que seriam as ideologias de esquerda, que vieram se notabilizar depois da organização da Aliança Nacional Libertadora (ANL) e da Intentona Comunista de 1935. O que comprova que tal postura era de “fato, a expressão de uma atitude reflexa e preventiva diante da importância dos movimentos socialistas europeus contra os quais se confrontaram os fascismos”. (idem)

É a partir deste momento que se pode visualizar a diferença do pensamento de Gustavo Barroso dos outros membros do movimento Integralista. A ligação impossível entre capitalismo e comunismo era resolvida por ele, atribuindo aos dois um dominador e um objetivo comum, o judaísmo internacional e o controle da sociedade mundial. Nesse sentido, a passagem de um capitalismo internacional para o comunismo seria possível graças ao elemento judeu, responsável por essas duas formas de desagregação dos valores tradicionais da sociedade. Mesmo deixando claro o tom depreciativo do ideal capitalista e comunista, suas proposições negativas seriam, no final, determinadas pela ação judaica.

Em sua obra Gustavo Barroso também investiu na operação de associar comunismo e judaísmo, apresentando ambos como duas facetas do mal e, portanto, alvos a serem combatidos vigorosamente. Ele encarava o comunismo como a etapa final da conspiração judaica, seu ponto culminante, enquanto o passo anterior havia sido a implantação do capitalismo, igualmente obra dos judeus, cuja intenção era solapar e destruir a boa sociedade tradicional, baseada em valores cristãos e espirituais. À medida que intensificava a exploração sobre as massas trabalhadoras, atizando o ódio entre as classes, o capitalismo preparava o advento da sociedade comunista, largamente propagandeada pelos agentes judaicos. (MOTTA, 1998, p.99)

Em *Brasil Colônia de Banqueiros* Barroso afirmava que os bancos estrangeiros instalados no Brasil, que estavam levando o país à falência, seriam controlados pelo judaísmo internacional. Para ele este seria o mesmo judeu responsável pelo advento do comunismo na sociedade contemporânea (cf. Barroso, 1934a). Na epígrafe desta obra Barroso evidencia a oscilação do controle judeu, antes capitalista e depois comunista (Idem, p.21), simbolizada por Rotschild e Trostky, duas personalidades que, segundo ele, caracterizariam bem estas iniciativas judaicas:

Trotsky e Rotschild marcam a amplitude das oscilações do espírito judaico: estes dois extremos abrangem toda sociedade, toda civilização do século XX [...] judaísmo capitalista e comunismo, embora pareça isso um paradoxo, são dois sócios na mesma empresa de destruição das pátrias (Ibidem).

Da mesma forma que enxergava a ligação do Imperialismo capitalista com o judaísmo internacional, Gustavo Barroso relacionava o comunismo à idéia de uma onda imperialista judaica: “Essa revolução mundial produzirá necessariamente o triunfo do Imperialismo Vermelho que é o Imperialismo de Israel”. (BARROSO, 1938, p.39). Assim como o judeu internacional seria manipulador do capitalismo, também seria o idealizador do comunismo.

O verdadeiro criador do comunismo marxista é o velho materialismo judaico que vêm desde muitos centenários solapando os alicerces da civilização cristã (BARROSO, 1934 b, p. 39-41)

Nota-se que Barroso deturpa a formulação marxista para demonstrar que, pelo fato de estar nas mãos dos judeus, a possível sociedade comunista, assim como a capitalista, antes de possibilitar um mundo ideal, iria destruir as bases de uma pátria baseada em valores primordiais para o pensamento integralista: a família, a religião e a propriedade.

Tal postura deixa evidente que o pensamento anticomunista de Gustavo Barroso ia além dos preceitos políticos pregados por maior parte dos integralistas e dialogaria com o antissemitismo de base racista, ao estilo nazi-fascista, muito parecido com o posicionamento apresentado nos *Protocolos do Sábio de Sião* e por Hitler em *Minha Luta*⁷. Por outro lado, ao mencionar as convicções políticas ideológicas defendidas pelo AIB, como por exemplo, o caráter desagregador social do comunismo, advindo do capitalismo internacional, ele tenta suavizar seu discurso racista em tons políticos e se aproxima dos líderes integralistas como Plínio Salgado.

Ao analisar o mito do complô judaico nas obras de Gustavo Barroso tal idéia fica mais clara. Como já foi mencionado, a base do discurso do complô judaico estava na idéia divulgada nos *Protocolos do Sábio de Sião* de que os judeus eram responsáveis pelos males do mundo e teriam como objetivo dominar política e economicamente as

⁷ Sobre a comparação do discurso anti-semita e anticomunista de Barroso com de Hitler e dos Protocolos conferir Rodigo Patto Sá Motta (1998, p.97-100).

nações. A proposta do livro *Brasil: Colônia de Banqueiros* de analisar todos os empréstimos contraídos pelo país desde a Independência estava de acordo com tal premissa. A idéia apresentada de que os judeus atuavam negativamente na economia brasileira seria aceita pela maioria dos teóricos integralistas (cf. CARNEIRO, 2001, p.287), no entanto, dentro de uma formulação mais ampla, baseada na idéia complô judaico, surgia subdivisões que davam especificidade ao argumento de Gustavo Barroso. Entre elas pode-se destacar: a conspiração judaico maçônica, “da qual participavam especuladores, bolsistas, homens de negócio e banqueiros” (Idem, p.284), a “sinagoga paulista”, título de uma obra publicada por ele em 1937, na qual apresentava a idéia de um hipotético domínio dos judeus por meio das indústrias em São Paulo⁸, e o suposto complô judaico-comunista.

Rodrigo Patto Sá Motta (1998, p. 98) concorda com a hipótese de que Barroso seria um dos principais idealizadores da disseminação do mito do complô judaico-comunista no Brasil. Taciana Wiazowski (2008, p.53-108) ao estudar tal tema salienta que antes de Barroso o mito do complô teria sido utilizado por intelectuais e organizações católicas no começo do século.

A relação entre o elemento judeu e o conteúdo conspirativo revolucionário começou a ser cunhado já na época da Revolução Francesa e teve entre seus idealizadores principalmente pensadores conservadores franceses, do século XIX e XX, como Édouard Drumont e Charles Maurras. A ligação destes com o catolicismo fez com que, no Brasil, a elite católica fosse pioneira no contato com tal pensamento. Este discurso apareceria para delimitar os inimigos dos quais a Igreja teria que combater para retomar seu lugar perdido na sociedade e na política brasileira, após a Proclamação da República e a Constituição de 1891, quando ocorreu a separação entre Estado e Igreja.

Neste contexto, Taciana (idem) pontua o papel de dois órgãos impressos: as revistas *Vozes de Petrópolis*, fundada em 1907, pelo Frei Pedro Sinzing, da ordem dos Franciscanos e a *Ordem* fundada em 1921 por Jackson Figueiredo. Além disso, salienta o papel do *Centro Dom Vital* também fundado por Figueiredo com apoio de Sebastião Leme com intuito de formar intelectuais católicos.

⁸ Segundo Cytrynowicz (1992, p.64) esse foi um dos temas mais constantes de Barroso e está relacionado com a sua visão anti-industrialista que este compartilhava com as oligarquias paulistas do começo dos anos 1930.

A década de 1920 é salientada por Taciana (2008, p124) como o período que se “estabeleceu ligação direta (...)” entre o mito da conspiração internacional judaica e o comunismo. Segundo ela até então o suposto complô judaico-comunista era visto como um perigo para a civilização cristã, “manifestado por meio da revolução” (idem, p.158). Após a fundação do *Partido Comunista* a questão teológica do judeu anticristão, responsável pela condenação de Cristo, dava lugar ao caráter do judeu-revolucionário responsável pela desordem e pela desagregação política de uma sociedade pautada pelos valores cristãos. É neste período que os católicos dariam as bases para os integralistas relacionarem bolchevismo e judaísmo:

Grande parte dos líderes e escritores integralistas foi influenciada pelas idéias intolerantes propagadas pela intelectualidade leiga que escrevia na revista católica *Ordem*. Incluímos aqui alguns católicos membros do Centro D. Vital e da Ação Integralista Brasileira. O discurso católico de alguns destes intelectuais não descartava a crítica ao bolchevismo judaico, uma das principais matizes difusoras do mito do complô (WIAZOWISKI, 2008, p.43).

Tal junção vai se popularizar a partir de 1935, após a Intentona Comunista. Este momento Rodrigo Patto Sá Mota definiu como a “primeira grande onda anticomunista”, que vai, segundo ele, até 1937, com o Golpe do Estado Novo. (cf. MOTTA, 2002, p.179-230). O ambiente político nacionalista, xenófobo e autoritário do Governo Vargas também vai ajudar legitimar tais propostas conservadoras, principalmente o antissemitismo de Gustavo de Barroso, no seio Integralismo (cf. JESUS, 2006, pp.99-103).⁹ Inclusive, é graças ao Integralismo que o mito do complô judaico-comunista vai se tornar um perigoso instrumento de poder político utilizado pelo governo varguista, por meio do Plano Cohen (cf. SILVA, 1980).

Por isso pode-se concluir que, se nas primeiras décadas do século XX as bases do suposto complô judaico-comunista tinham sua gênese nas linhas da intelectualidade e da reação católica, elas seriam sistematizadas e organizadas como discurso, somente nos anos 1930, no seio do movimento Integralista, principalmente por Gustavo Barroso. O que possibilita concordar com a opinião de Rodrigo Patto Sá Motta, de que foi da responsabilidade de Barroso a divulgação desta postura no país. Já que foi de sua

⁹Taciana Wiazovski (2008, p. 128-129) salienta que esse contexto também possibilitaria a divulgação de tais iniciativas em outros meios da imprensa e da intelectualidade que não estariam ligados necessariamente ao Integralismo e ao catolicismo. Aponta o anticomunismo do jornal *O Estado de S Paulo* e o antissemitismo de jornais como o *Estado de Minas*, *A Folha da Manhã de Pernambuco*, *O Diário* e *A Nota* ambos do Rio de Janeiro.

exclusiva competência a iniciativa de adaptar a idéia do mito do judeu internacional ao pensamento integralista. Iniciativa que, por sua vez, seria largamente aceita no Governo Vargas, principalmente pela sua polícia política (cf. WIAZOVSKI, 2008, pp.175-185).

Para adaptar o mito do complô judaico-comunista ao ideário integralista Barroso utilizou a crítica política ao comunismo, pois desta forma, diluiria seu antissemitismo em um conteúdo aparentemente distante de um discurso extremamente racista, aproximando-se de outros teóricos integralistas.

Tal raciocínio fica evidente quando percebe-se que a idéia de um complô judaico está por de trás da maior parte de suas formulações críticas referentes ao comunismo. Na tradução dos *Protocolos do Sábio de Sião* feita em 1936, mesmo o texto original não citando explicitamente o termo comunismo, Gustavo Barroso relacionava judaísmo com o comunismo nas notas explicativas de sua autoria (cf. BARROSO, 1937, notas, 3, 4 e 6, pp. 137, 138 e 158). Por isso, é imperativo afirmar que quem relacionou o caráter do judeu revolucionário com o comunismo na primeira tradução dos *Protocolos* foi ele, repassando essa conjunção para outros membros da ala anti-semita e para jornais integralistas, como a *Acção*, dirigido por Miguel Reale.

Assim, se Barroso não foi o único a fazer a associação entre judeu e comunismo dentro do Integralismo, foi ele o responsável por apresentar como tal junção deveria ser feita, dando **aparentemente** um caráter essencialmente político ao mito da conspiração judaico-comunista no Brasil.

A estratégia de dissimular o antissemitismo em um suposto discurso político fica clara ao notar que o objetivo de todas as considerações anticomunistas de Barroso é na verdade a questão racial ligada ao antissemitismo. A proposta pode até parecer, á primeira vista, um posicionamento político, mas tem na sua origem a questão racial, pois pretende responsabilizar o judeu, antes do que qualquer outro elemento, pelo surgimento do comunismo e pelos seus conseqüentes desdobramentos.

Em *Comunismo, Cristianismo e Corporativismo* (1938), Barroso destaca a problemática revolucionária do comunismo, mas nota-se que o seu componente nocivo está naqueles que seriam os responsáveis por colocar tal iniciativa em prática, já que o comunismo era:

[...] um fenômeno de paixão revolucionário, que tem como motor o judaísmo internacional que busca colocar em prática o plano do domínio mundial sobre as ruínas da civilização cristã (BARROSO, 1938, p.7).

Para ele o comunismo ou o marxismo não existiria por si só, pois seria, na verdade, uma máscara do judaísmo internacional:

Assim, o marxismo deixou de cair a sua máscara de movimento proletário em busca da felicidade terrena para se apresentar o que é de verdade: organização diabólica para a conquista do domínio mundial pelos judeus (Idem, p. 39).

Segundo a leitura de Gustavo Barroso os judeus é que teriam criado a exploração dos proletários para, por meio do comunismo, que também seria uma construção judaica, responder aos anseios dos oprimidos. (cf. MAIO, 1992, p.120) De acordo com a sua visão, com esta construção é que o comunismo pretendia escravizar os trabalhadores em nome dos interesses judaicos:

O comunismo internacional [...] destrói as Pátrias, as Famílias e as Religiões, arrancando ao proletário todos os seus elementos espirituais [...] escravizando-o depois (BARROSO, 1935 c, p. 62)

Além disso, para ele por meio do “rabínico Karl Marx” (1935b, p.130) os judeus objetivavam, a partir do comunismo, criar uma sociedade com bases materiais, sem uma ordem planejada, deixando de lado a espiritualidade. Por isso esta seria uma sociedade:

[...] sem classes, sem vínculos, sem propriedade, sem família, sem governo de pessoas, regido pelas leis naturais, o governo das coisas. Segundo essa concepção, o espírito é simples função da matéria [...] O Estado que se quer construir sobre essa doutrina será simplesmente o Império Econômico Material. (Idem, pp. 132-133)

A partir desta idéia apresentada na obra *O Quarto Império* (1935), nota-se que Barroso se apropria da visão política-espiritualista divulgada por outros membros do Integralismo. Mas, juntamente a ela apresenta a imagem estigmatizada do judeu oportunista, que utiliza a exploração proletária para criar um instrumento, o comunismo, capaz de instituir um Estado de características essencialmente materialistas. A expressão, “rabínico Karl Marx” simbolizaria bem esta crítica baseada na junção do espiritualismo-político e do antissemitismo, proposto por Barroso para explicar a gênese dos ideais comunistas.

Assim, ficava claro que a aparente crítica política ao comunismo era, na verdade, uma forma de apresentar mais um dos instrumentos utilizados pelos judeus para concretizar seus ideais internacionalistas:

[...] o comunismo marxista não passa hoje de simples doutrina de exportação, propagada por alguns judeus em vários países com o fito de levá-los á ruína e a desordem (...) Enquanto isso, os especuladores vão ganhando nas altas e baixas da bolsa e da produção, sem a menor piedade para com os cristãos espoliados, até que se estabeleça a famosa ditadura do proletariado por detrás da qual o capitalismo judaico, tornado capitalismo do Estado, exercerá o poder. (BARROSO, 1935b, p.87)

Da mesma forma que os outros teóricos integralistas, o comunismo também foi apresentado por Gustavo Barroso como a principal maneira de estabelecer o caos social e a desnacionalização. No entanto, paralelamente a tais convicções, o elemento judeu é responsabilizado por instrumentalizar os ideais comunistas ao seu favor:

[...] os judeus comunistas sabem o que fazem. Eles trabalham sistematicamente para destruição de tudo que é russo, a fim de implantar uma ordem social nova [...] O incesto é permitido. As crianças até os dezesseis anos são educadas nos estabelecimentos comunistas como verdadeiros bichos, afim de se tornarem bolchevistas ateus. É a criação de rebanhos de animais-humanos destinados a serem governados pelos judeus. (Idem, p.145)

Assim, se o bolchevismo estava se apresentando a partir de 1917, como um grande mal capaz de desagregar a ordem social, cristã e familiar por meio de uma proposta materialista, de acordo com a proposta anti-semita incorporada por Gustavo Barroso, os judeus deveriam estar relacionados a ele. Da mesma forma, se haveria um plano conspiratório internacional para os judeus dominarem o mundo, de acordo com a sua concepção anti-semita, essa idéia se assemelharia á característica internacionalista da proposta comunista baseada na internacionalização dos ideais revolucionários marxistas.

Tais similaridades seriam perfeitas para diluir seu antissemitismo em um discurso político que, por sua vez, tinha como aparente objetivo atacar o comunismo e suas propostas revolucionárias. Esse discurso seria aceito com maior espontaneidade no Integralismo, pois não exporia a ambigüidade da teoria racial do grupo, já que não deixaria evidente o conteúdo racista das formulações barrosianas. Além do que, dialogaria com as propostas anticomunistas de líderes como Plínio Salgado e Miguel Reale.

Considerações Finais

Segundo Roney Cytrynowicz (1992, p.59) o suposto complô judaico, “não é apenas um dos temas da produção integralista de Gustavo Barroso (...) é a idéia que dá nexos e inteligibilidade a essas formulações”. Por isso, a crítica ao comunismo e o fato de encaixá-lo ao tema do complô judaico, seria uma evidência de que, mesmo quando escolhia temas aparentemente distantes de formulações racistas, Gustavo Barroso acabava recorrendo ao seu arsenal intelectual anti-semita para fazer uma leitura crítica e mais aprofundada da sociedade. Sendo assim, fica notório que a sua crítica ao comunismo se diferenciava da dos outros membros da AIB, pois ele a utilizou para ir além das concepções anti-revolucionárias defendida pelo grupo.

Para Barroso o anticomunismo seria uma forma de disseminar seu antisemitismo, utilizando o argumento do complô. Além do que, também, seria uma estratégia para se aproximar dos principais líderes Integralistas que tinham entre suas maiores motivações a crítica ao comunismo.

Com isso pode-se dizer que a particularidade do mito do complô judaico comunista no Brasil não estaria no seu componente político, mas sim, no fato desta questão ser instrumentalizada a partir de um discurso que possibilitaria Barroso apresentar, de forma dissimulada, seus ideais racistas.

Esta situação foi invertida com o Plano Cohen que, ao ser apropriado como estratégia política do Governo Vargas, valorizou as características políticas da versão do complô criado pelos integralistas para, por meio do pânico populacional, legitimar a decretação de Estado de Guerra que mais tarde beneficiaria o golpe do Estado Novo.

Assim, pode-se dizer que essa aparência política atribuída ao discurso anticomunista de Gustavo Barroso foi legitimada pelo Plano Cohen¹⁰, o que pode dar uma falsa impressão que este seria seu principal intuito.

¹⁰ A participação direta de Gustavo Barroso no Plano Cohen não foi comprovada nem estudada pela historiografia, mas ao conferir o conteúdo do documento, a influência de sua crítica anticomunista é evidente. Além do que o Plano Cohen foi feito na seção de responsabilidade de Barroso pelo seu subordinado Olímpio Mourão Filho, que além de ser Capitão do Exército era também chefe do estado maior da milícia integralista. Em um depoimento Mourão Filho (apud SILVA, 1980, p.110) afirma que Gustavo Barroso teria conhecimento do Plano. Taciana Wiazovski (2008, pp.169-170) fez uma comparação destacando pontos em comum entre o complô judaico comunista, principalmente entre os comentários de Barroso na sua tradução dos *Protocolos do Sábio de Sião* (1936) e o Plano Cohen.

É interessante notar que este discurso também acabou sendo validado pelo Estado Vargas. Pois, a partir do momento que o Plano Cohen foi propositadamente tomado como verdade pelo governo Vargas o combate ao comunista judeu futuramente, passou a ser uma das justificativas do seu golpe de Estado.

A partir deste momento, a junção do comunismo com o judaísmo ganharia status oficial, passando a servir de parâmetro para polícia política do Estado autoritário varguista, pois possibilitou perseguições e torturas de judeus que, muitas vezes, não tinham ligação alguma ao comunismo, com a justificativa de serem vinculados a uma possível ação revolucionária internacional, nos moldes do mito do complô judaico-comunista.

Tal estigma ganhou espaço nas mentalidades da direita nacionalista brasileira, vindo também a balizar o discurso autoritário dos órgãos de investigação e tortura do Regime Militar (1964-1985).

Sendo assim, desmistificar o caráter unicamente político da crítica comunista de Gustavo Barroso é primordial, não só para entender o pensamento racista e anticomunista de uma divisão da AIB, mas sim de toda uma linha autoritária e anti-revolucionária que polarizou o pensamento político e intelectual conservador brasileiro desde então.

Referências Bibliográficas

BARROSO, G. *A palavra e o pensamento Integralista*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1935(a).

_____. *Brasil, colônia de banqueiros*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1934 (a).

_____. *Comunismo, cristianismo e corporativismo*. Rio de Janeiro: ABC, 1938.

_____. *Integralismo de Norte a Sul*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1934 (b).

_____. *O Quarto Império*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1935 (b).

_____. *O que o integralista deve saber*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1935 (c).

_____. *Reflexões de um Bode*. Rio de Janeiro: Gráfica Educadora, 1937.

CARNEIRO, M. L. T. *O Anti-semitismo na Era Vargas (1930-1945)*. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.

_____. *Livros Proibidos, Idéias Malditas*. São Paulo: Ateliê Editorial / FAPESP, 2002.

CHASIN, J. *O integralismo de Plínio Salgado*. Formas de Representatividade do capitalismo hipertardio. São Paulo: Ciências Humanas, 1978.

- CHIAVINATO, J.J. *O inimigo eleito: Os Judeus, Poder e Anti-Semitismo*. Porto Alegre. Mercado Aberto, 1985
- COUTINHO, Amélia. Gustavo Barroso. In. ABREU, Alzira Alves *et al* (Orgs.). *Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro*. Pós-1930. Volume I. 2 ed. Rio de Janeiro: FGV/CPDOC, 2001, p.573-576.
- CYTRYNOWICZ, R. *Integralismo e anti-semitismo nos textos de Gustavo Barroso na década de 30*. 1992. 277 f. Dissertação (Mestrado em História) FFLCH-USP, São Paulo.
- DA MATTA, R. *Relativizando*. Uma introdução à Antropologia social. Petrópolis. Vozes, 1984.
- JESUS, Carlos Gustavo Nóbrega de. *Anti-semitismo e Nacionalismo, Negacionismo e Memória: A Revisão Editora e as estratégias da intolerância*. São Paulo: Editora Unesp, 2006.
- LENHARO, A. *Sacralização da Política*. Campinas, SP: Papyrus, 1986.
- MAIO, M. C. *Nem Rotschild nem Trostsky*. O pensamento anti-semita de Gustavo Barroso. Rio de Janeiro: Imago, 1992.
- MOTTA, R. P. S. *Em guarda contra o “perigo vermelho”*: o anticomunismo no Brasil (1917-1964). São Paulo: Perspectiva / Fapesp, 2002.
- _____. O Mito da conspiração Judaico-Comunista. *Revista de História/USP*, São Paulo, n. 138, terceira série, p.93-105, 1998.
- MORAES, V. *Pequena História do anti-semitismo*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1971.
- Protocolos do Sábio de Sião*. 3 ed. Tradução e Comentários Gustavo Barroso, São Paulo: Agência Minerva, 1937.
- RAGO, F. A. *A crítica romântica à miséria brasileira*. O integralismo de Gustavo Barroso. 1989.436 f. Dissertação (Mestrado-História). PUC-SP. São Paulo.
- ROSENFELD, A. *Mistificações Literárias: Os Protocolos do Sábio de Sião*. 2ed. São Paulo. Perspectiva, 1982.
- SALGADO, Plínio. *O que é o Integralismo*. 3 ed. Rio de Janeiro: Schmidt, 1935.
- SILVA, Hélio. *Plano Cohen*. A Ameaça Vermelha. Porto Alegre: LPM Editora, 1980.
- TRINDADE, H. *Integralismo - O Fascismo brasileiro na década de 1930*. São Paulo. Difel, 1979.
- _____. Integralismo. In. ABREU, Alzira Alves *et al* (Orgs.). *Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro*. Pós-1930. Volume III. 2 ed. Rio de Janeiro: FGV/CPDOC, 2001, p.2807-2814.
- WIAZOVSKI, T. *O Mito do Complô Judaico-Comunista no Brasil: Gênese, Difusão e desdobramentos*. São Paulo: Humanitas/FAPESP, 2008.